



EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense
20 a 24 de Outubro de 2019
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

4679 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

PELO TRÁFICO DE DROGAS: narrativas de superação, resistência e construção de novas trajetórias de vida de mulheres jovens em Belo Horizonte
Fernanda Menezes Santos - FAE - Faculdade de Educação da UFMG
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PELO TRÁFICO DE DROGAS: narrativas de superação, resistência e construção de novas trajetórias de vida de mulheres jovens em Belo Horizonte.

RESUMO

Considerando o fenômeno do aumento das violências que incidem sobre as mulheres na atualidade – feminicídio, violência doméstica e, sobretudo, o encarceramento – essa pesquisa volta-se para a análise da trajetória de desvinculação de mulheres jovens com o tráfico de drogas, observando os recursos mobilizados; os processos de agência e resistência; o comparecimento do racismo e sexismo; e em que medida os processos formativos formais e não formais colaboraram nessas trajetórias. A análise se dará à luz da interseccionalidade, amparada por Krenshaw (2002) que nos informa que o racismo, o sexismo, as opressões de classe e outras se sobrepõem na criação de discriminações estruturais contra mulheres. Serão entrevistadas entre duas e cinco jovens, que foram mapeadas através de vínculos construídos na trajetória da pesquisadora. A abordagem metodológica é a qualitativa. Serão realizadas para a produção de dados entrevistas narrativas, que terão como pergunta geradora: Conte-me como aconteceu sua desvinculação do tráfico de drogas, do momento em que você considerar melhor.

Palavras-chave: mulheres jovens; trajetórias; tráfico de drogas;

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa propõe-se a analisar trajetórias de mulheres jovens que estiveram inseridas na rede do tráfico de drogas, compreendendo esse percurso e evidenciando as mobilizações e caminhos traçados para o rompimento com essa atividade.

As justificativas para a realização dessa pesquisa ancoram-se na complexidade do fenômeno do envolvimento de mulheres com o tráfico de drogas, tendo em vista que este envolvimento pode levar a consequências várias, dentre elas o encarceramento, expressões da violência e a morte. Observa-se que atualmente no Brasil, são as mulheres jovens, negras, pobres e com baixa escolaridade as sujeitas preferenciais do encarceramento feminino e da violência contra a mulher. O Infopem Mulheres referente ao ano de 2017 apresenta uma atualização de dados sobre o encarceramento feminino do período de 2015 e 2016. No ano de 2016, no Brasil, 42 mil mulheres estavam encarceradas. Esse índice apresenta um aumento de 656% em relação ao dado de 2000, quando estavam aprisionadas menos de 6 mil mulheres. Sobre o perfil, o levantamento aponta que 50% do total de mulheres são jovens, a raça prevalente é de mulheres negras com 62%, e em relação à escolaridade, o documento aponta que 66% dessas mulheres ainda não acessou o ensino médio. Em relação ao tipo penal 62% foram julgadas ou aguardam julgamento pelo crime de tráfico de drogas (INFOPEN MULHERES, 2018).

Em diálogo com esses dados, o Atlas da Violência de 2018 produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) aponta que em 2016, o Brasil alcançou a marca de 62.517 homicídios e que no montante dos últimos dez anos, 533 mil pessoas morreram devido à violência intencional, o estudo nomeia esse fenômeno como “juventude perdida” (IPEA, FBSP, 2018). O estudo evidencia três categorias tipificadoras para o feminicídio, que são as de caráter reprodutivo, doméstico e sexual, e aponta a discrepância estatística na morte de mulheres negras e não negras na ordem de 71%, e em relação aos dez anos de dados compilados pelo relatório, os homicídios de mulheres negras aumentou 15,4% e o de mulheres não negras diminuiu em 8% (IPEA, FBSP, 2018).

Os dados estatísticos consultados nos informam que homens e mulheres jovens, negras e negros são alvos preferências, tanto do aparato de repressão estatal, como de mortes violentas, tanto homicídios como feminicídios. Ângela Davis (2009) nos convoca a refletir que, tanto socialmente quanto academicamente, constrói-se um imaginário de castigo e punição para os conflitantes com a lei, “onde a punição, em síntese, pode ser vista como consequência de uma vigilância racial” (DAVIS, 2009, p. 47). Tradicionalmente, quando o Estado não fornece condições mínimas de moradia e educação nos locais de maior vigilância policial, cria um ambiente potencialmente favorável a fornecer indivíduos para os sistemas de punição, “a prisão é a solução punitiva para uma gama completa de problemas sociais que não estão sendo tratados pelas instituições sociais que deveriam ajudar as pessoas na conquista de vidas mais satisfatórias” (DAVIS, 2009, p.47). Assim, as prisões constituem uma “maneira de dar sumiço nas pessoas com a falsa esperança de dar sumiço nos problemas sociais latentes que elas representam” (DAVIS, 2009, p. 48). Essa elucidação nos leva a compreender o cenário desenhado para que essas existências jovens, negras, pobres e periféricas aconteçam, e trazem a necessidade do entendimento de como essas vidas podem tornar-se viáveis e resistir a esses processos de desumanização, violência e vigilância apontados nos documentos consultados.

As categorias de análise que subsidiam o delineamento do objeto dessa pesquisa e suas respectivas referências são: *tráfico de drogas* com Marisa Feffermann (2006), Luciana Boiteux Rodrigues (2006), Orlando Zaccone Filho (2007) e Maria

Lúcia Karam (2015); *juventudes* com Juarez Dayrell (2003), Helena Abramo (1997), Miguel Arroyo (2017); *gênero* com Joan Scott (1989, 2012), Dagmar Meyer (2004), Elaine Muller (2004), Wivian Weller (2017) e *raça* com Jamile Carvalho (2017), Djamila Ribeiro (2017), Neusa Souza (1983). Essas categorias não realizam, por si mesmas, um adensamento do objeto proposto, sendo necessária a articulação entre elas, apreendendo que as sujeitas dessa pesquisa são constituídas pela intersecção entre essas categorias. Para interseccionalidade Kimberlé Crenshaw define que:

a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

A lacuna a ser explorada por essa pesquisa ancora-se em compreender quais os recursos mobilizados pelas jovens que se desvincularam do tráfico de drogas e identificar em que medida esses recursos colaboraram para a construção de alternativas ao encarceramento, a morte e a violência. O ineditismo desse estudo está na realização de um trabalho acadêmico que aborde essa trajetória, dando ênfase aos processos de formação humana dessas jovens mulheres que apontam para uma possível resistência aos processos mais comuns, já descritos, para jovens participantes do tráfico de drogas.

Assim trazemos nesta pesquisa como interrogações principais: *Quais são os recursos mobilizados por jovens mulheres para saída do tráfico de drogas?* E considerando que essas jovens estiveram, em seu percurso, relacionadas com políticas públicas perguntamos: *qual o alcance que essas políticas tiveram na vida delas? Tornaram-se recurso para saída do tráfico? Que outros recursos foram mobilizados?* Colocamos como hipóteses o envolvimento em ações governamentais ofertadas pelas instituições de prevenção e proteção estatal, a partir da vinculação dessas jovens a equipamentos públicos de proteção como escolas, centros de saúde, equipamentos da política de assistência social e segurança pública; processos formativos não formais; suas relações interpessoais; encontro de um emprego formal; e a possibilidade de acontecimentos que atravessam a situação de condição juvenil.

OBJETIVO GERAL

Analisar a trajetória de desvinculação de mulheres jovens com o tráfico de drogas e os suportes mobilizados nesse percurso.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e analisar os recursos mobilizados pelas jovens que ocasionaram a desvinculação do tráfico de drogas;
- Entender como se dá o processo de agência e resistência dessas jovens frente ao cenário do tráfico de drogas;
- Perceber, em que medida racismo e sexismo comparecem em suas trajetórias e na construção de novos projetos de vida;
- Identificar e analisar em que medida os processos formativos formais e informais dos quais elas participaram, colaboraram com a desvinculação dessas jovens do tráfico de drogas;

METODOLOGIA

As sujeitas dessa pesquisa são mulheres jovens que estiveram em algum momento de suas vidas vinculadas com o tráfico de drogas. Serão entrevistadas entre duas e cinco jovens com idade entre 15 e 29 anos, que nesse momento encontram-se desvinculadas dessa atividade. Estas jovens foram mapeadas através de contatos já existentes com algumas jovens que ainda estão presentes no território onde trabalhei por alguns anos, tendo em vista que esse vínculo ainda persiste. Neste percurso de trabalho pude atender jovens com trajetórias de envolvimento com o tráfico de drogas e perceber nesses atendimentos, e também na inserção em profundidade no território, como eles e elas se organizavam, suas relações comerciais, pessoais, institucionais e comunitárias que sustentavam sua inserção, permanência e por vezes saída dessa atividade. Essa trajetória suscita a reflexão sobre os processos formativos vivenciados por essas jovens, onde em suas relações com instituições formais, como as políticas públicas, bem como em suas relações com instituições não formais como o RAP, os movimentos coletivos juvenis e ações não governamentais territoriais, elas puderam mobilizar recursos para alternativas de vida desvinculadas do tráfico de drogas. Apreendemos que essa distância e esse lugar a partir do qual podem falar agora – de fora – permite rever e ressignificar produtivamente essa trajetória

A abordagem metodológica que norteará esta pesquisa será a qualitativa. O instrumental utilizado para a produção dos dados de pesquisa será a entrevista narrativa. A questão geradora que disparará a narrativa será: *Conte-me como aconteceu sua desvinculação do tráfico de drogas, do momento em que você considerar melhor.*

CONCLUSÃO

A questão do tráfico de drogas, que tem levado na atualidade ao encarceramento em massa de homens e mulheres jovens no Brasil, nos convoca a uma reflexão sobre a existência e a trajetória desses(as) sujeitos(as). A compreensão da trajetória de jovens mulheres que tiveram uma alternativa distinta a essas já apresentadas, pode nos levar a conhecer a mobilização de saídas possíveis a essa realidade, evidenciando processos de formação humana e a potência da juventude em reinventar destinos atravessados pela situação de pobreza, violência e criminalidade. Perceber como jovens mulheres constroem trajetórias que desviam do aprisionamento, da morte e das violências, pode nos levar a entender como dentro dessa estrutura de poder engendrada pelo tráfico de drogas ilegal, há forças que resistem, e “re-existem” na construção de outras vidas possíveis e viáveis. A assimilação das motivações para o rompimento com essa atividade pode nos levar a perceber, na narrativa dessas jovens, as possíveis influências formativas, institucionais e pessoais, que marcaram essa passagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Departamento Penitenciário Nacional - Ministério da justiça. **Levantamento Nacional de Informações penitenciárias INFOPEN MULHERES** - junho 2014. Disponível em <<http://www.justica.gov.br/noticias/estudo-traca-perfil-da-populacao-penitenciaria-feminino-brasil/relatorio-infopen-mulheres.pdf>> acesso em 23/08/2017

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Centro de Comunicação e Expressão, v. 7, p. 171-188, 2002.

DAVIS, Ângela Y. **A democracia da abolição: para além do império das prisões e da tortura**. Tradução: Artur Neves Teixeira. - Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 160p.

IPEA, FBPS. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Atlas da Violência 2018 - Ipea e FBPS**. Coordenadores: Daniel Cerqueira [et al]. 2018. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432> acesso em 25/11/2018.